

A INFLUÊNCIA DA INFÂNCIA NA PROBLEMÁTICA AMOROSA DE CHARLES BAUDELAIRE

MARIA GERTRUDES VERÍSSIMO*

"J'ai une âme si singulière que je ne m'y reconnais pas moi-même."

Baudelaire

Em presença de um continente tão surpreendente e misterioso como é a tão crepuscular obra de Baudelaire, a qual nos remete para um mundo de obscuridades e complicações labirínticas, a primeira atitude que se impõe é a delimitação. Aliás, uma obra onde as ressonâncias existencialistas são susceptíveis de controvérsia, põe, necessariamente, alguns problemas que se prendem com a sua leitura interpretativa, pelo que, no meio desta selva surpreendente, enveredaremos por um caminho, porventura sinuoso, mas que nos permitirá reflectir sobre uma vertente apaixonante da obra baudelaيرية - **a problemática amorosa do poeta**.

Trata-se, sem dúvida, de uma vertente difícil de descortinar na medida em que, é incomensuravelmente mais complexa do que pode parecer ao leitor desatento. De facto, há na obra de Baudelaire uma tal profusão de simulações, de máscaras, de camuflagem, que nunca é

possível fazer dela uma leitura simples, linear ou literal.

Nesta ordem de ideias, não poderemos compreender minimamente Baudelaire, se não aceitarmos encará-lo como uma destas naturezas míticas cujas determinações congénitas escapam, por vezes, à análise mais profunda.

Assim, e cientes de quão difícil é juntar as peças de "puzzle", tentaremos mergulhar um pouco na problemática amorosa de Baudelaire, tendo como suporte um aspecto particularmente relevante e que se prende com a infância do poeta, esse universo de venturas malogradas e que constitui, a nosso ver, a sintaxe elementar do seu espírito "**Les vrais paradis sont les paradis qu'on a perdus**", dirá Proust, para quem a perda da infância é definitiva e irremediável.

De facto, a saudade da infância, verdadeiro paraíso perdido, sentimento psicológico que sedimentaria a sua personalidade de homem, fora ao mesmo tempo a semente que fizera germinar a sua personalidade de artista.

Baudelaire diz duas vezes e quase nos mesmos termos, que "**le génie n'est que l'enfance retrouvée à volonté, l'enfance douée maintenant, pour s'exprimer, d'organes virils et de l'esprit analytique qui lui permet d'ordonner la somme de matériaux involontairement amassés**"⁽¹⁾.

* Docente da ESE de Beja

Em "**Les Paradis artificiels**" "**l'enfance retrouvée à volonté**" torna-se "**l'enfance nettement formulée**"; a arte é um estado superior da infância, um "**éclaircissement**" do tesouro inconsciente.

Quando Baudelaire nasceu, a mãe tinha vinte e oito anos de idade, o pai sessenta e dois; este morreu quando o poeta tinha apenas seis anos.

Assim, a morte prematura do pai faz de Baudelaire o único possuidor místico da mãe: "**Ah! Ça été pour le bon temps des tendresses maternelles.**" "**Je te demande pardon d'appeler 'bon temps' celui qui a sans doute été mauvais pour toi**"⁽²⁾.

Estas duas frases tão antagónicas da famosa carta dirigida à mãe, em 6 de Maio de 1861, indicam, claramente, que Baudelaire-criança se regozija com a morte do pai, e deixam pensar que, culpado dessa alegria, ele poderá ser considerado culpado dessa morte.

"**J'étais toujours vivant en toi, tu étais uniquement à moi**"⁽³⁾. Tal era, efectivamente, o estado de união entre a criança (Baudelaire) e a mãe viúva. Aliás, o cordão umbilical nunca será cortado, de tal modo que o poeta aos quarenta anos de idade dizia à mãe: "**toi le seul être à qui ma vie est suspendue**"⁽⁴⁾.

Compreende-se, portanto, à luz destas palavras o prazer experimentado por Baudelaire com a toilette da mãe, como se se tratasse da toilette de uma amante. O quarto da mãe funcionava para o poeta como o santuário de uma mística adoração; "**le boudoir maternel**", é o templo em que a mãe do poeta é a divindade, sendo este culto perpetuado por Baudelaire por fidelidade à mãe, transferindo-o depois para o tipo de mulher que ele procurava.

Mas a vida unitiva durou pouco: depois de vinte meses de viuvez, a mãe do poeta casa com o honesto comandante Aupick, mergulhando o pequeno Baudelaire numa dor profunda que o acompanha e lhe provoca uma revolta contra uma tutela que sempre dominará o seu espírito.

Com vinte e quatro anos de idade escrevia o poeta à mãe: "**Je suis tombé dans un marasme et un engourdissement affreux... il m'est impossible de me faire tel que ton mari voudrait que je fusse**"⁽⁵⁾. (carta dirigida à mãe em 1845)

Na verdade, tudo o que Baudelaire amou na vida: a mãe, a poesia, o sonho, encontrou em Aupick um obstáculo.

Julgamos, assim, poder afirmar que a sua incapacidade de amar totalmente uma mulher prende-se, naturalmente, com os traumas de infância.

Contudo, muitas mulheres povoaram o universo amoroso de Baudelaire, desempenhando muitas delas um papel de primeiro plano na vida do poeta.

Jeanne Duval, figurante num pequeno teatro, exerceu em Baudelaire um poder tirânico. De moralidade duvidosa, enganando o poeta, representava, na verdade, o belo animal ao mesmo tempo censurável e irresistível.

Mme Sabatier representa outro pólo de afectividade de Baudelaire. Dotada de distinção intelectual e física, Baudelaire dedicou-lhe um verdadeiro culto e dirigiu-lhe, durante muito tempo, poemas anónimos que figuram na sua obra "**Les Fleurs du Mal**".

Entre a animalidade pura e a adoração mística, Marie Daubrun ocupa na vida do poeta um lugar bem mais difícil de definir; esta mulher de olhos verdes foi uma actriz de categoria social elevada, representando para Baudelaire uma espécie de ternura e de fervor, uma criatura angelical, talvez o pretexto encontrado por Baudelaire para se libertar de "**cette partie de (lui)-même qu'une essence spirituelle a formée**".

De facto, poucos artistas em todas as artes, viram como Baudelaire a diversidade da mulher. A importância do feminino, na própria concepção do ser, reveste-se de particular importância: o erótico torna-se, na verdade, coisa tão séria quanto o místico, digamos que o erótico e o místico apontam para um mistério comum.

Um outro aspecto de particular relevância prende-se com o facto de a mulher realizar uma espécie de dever ao esforçar-se para parecer mágica e sobrenatural.

Assim, a unidade abstracta obtida pela maquilhagem, por exemplo o pó-de-arroz, "**rapproche immédiatement l'être humain de la statue, c'est-à-dire, d'un être divin et supérieur**".

Os olhos maquilhados são para Baudelaire "**la fenêtre ouverte sur l'infini**". O baton, "**ajoute à un beau visage féminin la passion de la prêtresse**"⁽⁶⁾.

Na concepção de Baudelaire, a mulher assim ornamentada é a própria Beleza, não concebendo o amor-sentimento senão como uma adoração plena de castidade e humilhação.

Relativamente às relações sexuais entre o homem e a mulher, vejamos o que diz Baudelaire numa passagem dos seus "Journaux Intimes":

"Dans l'amour, comme dans presque toutes les affaires humaines,

l'entente cordiale est le résultat d'un malentendu. Le malentendu, c'est le plaisir. L'homme crie: "O! mon ange!".

La femme recule: "Maman! maman!". Et ces deux imbéciles sont persuadés qu'ils pensent de concert!".

Le gouffre infranchissable, qui fait l'incommunicabilité, reste infranchi⁽⁷⁾.

De salientar que, para Baudelaire, o amor não tem nada a ver com o acasalamento. "**La femme dont on ne jouit pas**", confessará ele depois da sua aventura com Marie Daubrun, "**est celle qu'on aime**".

Para o nosso poeta é necessária uma margem suficiente de **interdito** para que o amor-paixão possa ser vivido em plenitude. Longe, inacessível, a mulher tem todos os seus poderes. Ela é, simultaneamente, a deusa e a inspiradora, ela resplandece como o **Ideal** com o qual se confunde, o que é bem visível no poema "**Que diras-tu ce soir**", que passamos a transcrever:

**Qui diras-tu ce soir, pauvre âme solitaire
Que diras-tu, mon coeur, coeur autrefois flétri
A la très belle, à la très bonne, à la très chère,
Dont le regard divin t'a soudain refléuri?**

**Nous mettrons notre orgueil à chanter ses louanges:
Rien ne vaut la douceur de son autorité;
Sa chair spirituelle a le parfum des Anges,
Et son oeil nous revêt d'un habit de clarté.**

**Que ce soit dans la nuit et dans la solitude,
Que se soit dans la rue et dans la multitude,
Son fantôme dans l'air danse comme un flambeau**

**Parfois il parle et dit: "je suis belle, et j'ordonne
Que pour l'amour de moi vous n'aimiez que le Beau;
Je suis l'Ange gardien, la Muse et la Madone."**

Um outro aspecto não menos curioso na problemática amorosa de Baudelaire, é a sua atracção pelas prostitutas, as perversas, o que traduz bem o seu horror pelo natural.

De facto, na vida destas criaturas cuja condição separa do mundo dito normal, tudo é artifício, o que, como sabemos, quadra bem com o temperamento de Baudelaire.

Mas toda esta problemática é extremamente complexa e susceptível de interpretações psicanalíticas; no entanto, julgamos poder afirmar, mais uma vez, que a sua concepção da mulher e do amor, essa inibição que faz do autor de *"Les Fleurs du Mal"*, um amante de mulheres monstruosas, não pode, de modo algum, ser desligada de um **interdito inicial** a que já fizemos referência no início do nosso estudo e que se

prende, justamente, com o grande amor frustrado que esse grande poeta solitário concebeu pela mãe e que o leva a escrever, numa carta que lhe dirigiu (em 3-6-1857) **"croyez que je vous appartiens absolument, et je n'appartiens qu'à vous"**, ou ainda, num adeus doloroso também dirigido à mãe: **"l'être unique que j'aime"** o que, na verdade, evoca esse grito expresso no bonito poema **"De Profundis Clamavi"**:

J'implore ta pitié, Toi, l'unique que j'aime,
Du fond du gouffre obscur où mon coeur est tombé...

NOTAS

(1) BAUDELAIRE, Charles, *L'Art Romantique*, Ed. Garnier-Flammarion, Paris, 1968 (pág.60).

(2) BAUDELAIRE, Charles, *Journaux Intimes*, Ed. J. Crépet et G. Blin, Corti, 1949 (pág.101).

(3) IDEM;

(4) IBID;

(5) IBID, Pág. 9

(6) BAUDELAIRE, Charles, *L'Art Romantique*, Ed. Garnier-Flammarion, Paris, 1968

(7) BAUDELAIRE, Charles, *Baudelaire par lui-même* - Pascal Pia - Écrivains de Toujours, Ed. Seuil, Paris, 1952 (pág.32)